

**VOZ PROFISSIONAL:  
NOVAS PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO\***

*Marta Assumpção de Andrada e Silva\*\**

O trabalho com a voz profissional é algo recente na Fonoaudiologia. No Brasil, o conhecimento de quem são os profissionais da voz, as diferentes possibilidades de utilização vocal no contexto profissional e quais as estratégias fonoaudiológicas, que podem ser utilizadas para permitir a existência de um trabalho conjunto satisfatório, ainda são questões que estamos buscando responder. O trabalho com o profissional da voz, sob essa denominação, iniciou-se nos Estados Unidos, onde atualmente existem vários pesquisadores voltados para as demandas dessa parcela da população.

Em nossa realidade, a área da voz profissional é objeto de intervenção não somente de fonoaudiólogos. No teatro, por exemplo, muitas vezes o próprio diretor desempenha esta tarefa, isto é, trabalha as técnicas vocais. Se este profis-

---

\* Texto apresentado na I Jornada França-Brasil de Fonoaudiologia, Faculdade de Fonoaudiologia, PUC-SP, outubro de 1997. A elaboração deste artigo contou com a colaboração de Maria Claudia Cunha.

\*\* Fonoaudióloga clínica da DERDIC-PUC-SP; Professora da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP.

sional tem ou não formação para isto (se trabalha a voz de acordo com o que nós consideramos “correto”) é um assunto que não pretendo discutir neste artigo. Vale ressaltar que, quando não conhecemos profundamente as exigências de um contexto profissional específico, não temos condições de julgar qual o tipo de conhecimento ou de experiência é necessário para a realização de um trabalho com a voz. Considerando esta hipótese, precisamos prestar atenção e ter muito cuidado quando iniciamos um trabalho com um grupo que já possui uma outra experiência. Ao invés de pensarmos que estamos preenchendo uma lacuna, devemos pensar que estamos, na realidade, propondo uma forma diferente de trabalhar a voz, que pode ou não ser eficiente para determinado grupo ou indivíduo.

O operador de *telemarketing* (TMK), por exemplo, não tem, na maioria dos casos, nenhum trabalho anterior relacionado à voz. No caso dos cantores, é muito comum trabalharem a voz cantada apenas com o professor de canto. Isto me parece pertinente se este for um trabalho apenas estético ou de aperfeiçoamento, mas se o professor de canto se propuser a trabalhar a voz de um cantor que possui uma alteração vocal (por exemplo, nódulos vocais), como ficamos? Mais que julgar, cabe-nos, sim, refletir com certo grau de humildade sobre a perspectiva de estarmos adentrando uma área onde já existem outros profissionais atuando para que possamos conhecer este profissional. E, por fim, analisarmos se o trabalho que nós, fonoaudiólogos, temos para oferecer constitui-se uma intervenção que possa ser útil. Quando entramos em uma nova área de atuação achando que temos vantagens porque conhecemos o funcionamento do aparato vocal (anatômica e fisiologicamente), temos de lembrar que isto é apenas um dos aspectos relacionados à fonação. Será o mais importante, o fundamental? Por exemplo, para alguns professores de canto o fato de o fonoaudiólogo “nomear demais” os músculos e estruturas do aparato vocal pode prejudicar a propriocepção das sensações que a voz cantada gera. Eles defendem o trabalho da voz cantada por meio de imagens: “a voz é um cordão que você vai puxar do abdômen e levar para o alto da cabeça”. Não podemos ter a convicção de que apenas por dominarmos o funcionamento orgânico da produção vocal teremos condições de trabalhar a voz cantada.

Quando estamos trabalhando com voz, é fundamental considerarmos os fatores psicossociais, além dos orgânicos. Antigamente, a discussão estava cen-

tralizada em ser ou não “organicista” e/ou “tecnicista”; hoje em dia, a clínica e a pesquisa na área de voz mostraram que essa discussão passou a ser, de fato, secundária. Saber como estão as pregas vocais e o que acontece durante a emissão da voz é um aspecto que sozinho não explica nada, é preciso sim contextualizar a voz do sujeito “dentro e fora” dele. É fundamental analisar a dinâmica vocal do indivíduo no contexto efetivo do uso profissional da voz.

Quando iniciei o trabalho com o profissional da voz, costumava discutir com a professora Léslie Picolotto Ferreira como poderíamos pensar em um grupo composto por profissionais tão diferentes. Como “juntar” um professor e um cantor, ou um vendedor e um ator? Uns utilizam a voz como profissão e os outros dependem da voz para exercê-la. E a questão do artístico, como fica? Será que um professor não pode ministrar suas aulas de forma “teatral”, como se estivesse representando um papel? E aquele vendedor que o convence a comprar algo quando você está sem dinheiro, quando absolutamente você não pretendia fazê-lo? Com certeza, ele tem algo de artístico na voz, no discurso, no gesto. Um operador de TMK tem que assumir um personagem quando é obrigado a ouvir uma “bronca” e responder calmamente, passivamente, sabendo que ele, na maioria das vezes, não tem nenhuma responsabilidade sobre o desastre ocorrido. Atendi no meu consultório um ator de teatro que, questionado sobre como eram seus pensamentos em cena sobre o personagem, respondeu-me que depois de decorar o texto, em cena só pensava na pizza que iria comer depois do espetáculo (isto porque não conseguia se alimentar antes da peça e costumava passar toda a encenação sentindo o estômago “roncar de fome”).

O fonoaudiólogo tem duas maneiras de trabalhar com o profissional da voz: terapêuticamente ou na forma de assessoria/aperfeiçoamento. O paciente que você atende no consultório pode ser também avaliado *in loco* (no bar onde ele canta, escola onde a professora dá aula), e mesmo assim você permanece realizando um trabalho clínico. Em contrapartida, existe o trabalho, que na maioria das vezes ocorre em grupo, no qual o fonoaudiólogo é chamado por uma empresa para realizar cursos para operadores de TMK. Um curso de, por exemplo, dez horas, que visa preparar vozes para falar ao telefone, ao meu ver não é terapêutico. Esta separação do trabalho terapêutico e não terapêutico não é tarefa fácil, pois frequentemente confundimos os papéis e fazemos observações ou até intervenções

peçoais dentro de um grupo no qual estamos realizando um trabalho de orientação. Se neste grupo em que estou trabalhando ninguém está procurando uma terapia individual de voz, como fica minha postura profissional de apontar um ou outro problema, como por exemplo, perguntar ao indivíduo se ele reparou que sua voz tem uma alteração?

A partir da década de 80 iniciou-se, de fato, um trabalho na área de promoção da saúde da voz profissional. Foi neste período que começamos a bater na porta das emissoras de televisão e de rádio para divulgar e oferecer nosso trabalho; procuramos estabelecer contato com grupos de teatro; iniciamos pesquisas com grupos de professores correlacionando suas alterações vocais; iniciamos investigações sobre outros profissionais da voz como telefonistas, operadores de TMK, leiloeiros rurais e outros. Apesar de o projeto ter sido iniciado há quase duas décadas, ele ainda é desconhecido por muitos profissionais da área. Existem vários fonoaudiólogos que prestam assessoria para atores, radialistas ou locutores, mas não são contratados pelas emissoras de televisão e de rádio responsáveis. O trabalho ainda tem uma procura mais pessoal, individualizada, do que institucional.

Segundo Ferreira (1995), a proposta de classificação das vozes profissionais – considerando aspectos relacionados às condições de produção do sujeito, da categoria profissional e do ambiente de trabalho tanto nas características físicas quanto nas características psicossociais – é a seguinte:

**Profissionais da Arte:**

- cantores: erudito, popular, coral e religioso;
- atores: teatro, circo e televisão;
- dubladores.

**Profissionais da Comunicação:**

- locutores e repórteres de rádio e televisão;
- telefonistas.

**Profissionais da Educação:**

- professores de diferentes áreas e graus;

- fonoaudiólogos;
- religiosos (padres, pastores, etc.).

**Profissionais de *Marketing*:**

- operadores;
- vendedores;
- leiloeiros (rurais e de arte);
- feirantes, camelôs;
- políticos.

**Profissionais de Setores da Indústria e Comércio:**

- diretores;
- gerentes;
- encarregados de sessão;
- supervisores.

**Profissionais do Judiciário:**

- advogados;
- promotores;
- juízes.

Vale levantar aqui uma questão no caso dos profissionais da educação e do judiciário: acho que deveríamos iniciar nossa atuação já durante a formação acadêmica deste profissional. Como podemos, por exemplo, pensar em didática para um professor sem pensarmos na qualidade vocal e na entonação do discurso? De que forma podemos fornecer estratégias de preservação e durabilidade para uma voz que dá dez aulas por dia? Acredito ser papel do fonoaudiólogo divulgar seu trabalho e abrir espaços na formação destes profissionais que utilizarão suas vozes exaustivamente no exercício profissional.

O trabalho com a voz profissional não está restrito à laringe pois todo o sistema corporal afeta a voz. (Sataloff, 1994)

Selecionei algumas profissões com as quais tenho maior experiência, para discutir e apontar algumas características comuns a cada grupo, assim como as dificuldades mais freqüentes presentes na realização de um trabalho nesses casos.

### **Operadores de telemarketing (TMK)**

Esta é uma área recente de atuação da Fonoaudiologia, o trabalho de fato iniciou-se há quatro anos. Apesar de ser um campo novo de atuação, já existem artigos, teses e livros escritos por fonoaudiólogos sobre o assunto.

Existe aqui um problema com o que é chamado de treinamento prévio. O fonoaudiólogo é chamado para dar um treinamento em um espaço curto de tempo, com alguns critérios e recomendações estabelecidos pela empresa, que muitas vezes não fazem parte do que consideramos como um trabalho da área fonoaudiológica. Sendo assim, muitas vezes o fonoaudiólogo solicita um tempo maior de curso e/ou treinamento posterior para uma reciclagem, mas a empresa não concorda, alegando excesso de gastos com recursos humanos. Em muitos casos, acontece que, após um treinamento prévio, o fonoaudiólogo termina com a sensação de que forneceu uma quantidade enorme de informações, mas não sabe o quanto estes novos conhecimentos podem vir a auxiliar os profissionais no uso efetivo da voz no trabalho cotidiano. O treinamento prévio pode ser eficiente, mas no que se constitui e, principalmente, como é possível realizar um trabalho satisfatório tanto para funcionários quanto para a empresa que contrata os seus serviços?

Observa-se que o operador trabalha sob forte pressão emocional já que, se apresentar um problema de voz, ele pode vir a perder o emprego. O estresse no trabalho é muito grande, pois sua fala é vigiada praticamente todo o tempo por um supervisor e controlada por uma dicotomia entre fala decorada/programada e fala natural. Além disso, imaginemos como deve ser exaustivo repetir durante seis horas praticamente a mesma fala, com a mesma entonação, qualidade vocal e texto. Na maioria dos casos, encontramos ambientes de trabalho com condições inadequadas para uma produção prolongada da voz (lugares muito ruidosos, com cadeiras desconfortáveis, ar condicionado muito forte, falta de água potável por perto, etc.) Mas, apesar das limitações, o fato de a Fonoaudiologia ter entrado

nesse universo de trabalho e começar a refletir sua ação nesse contexto já é considerado como mérito significativo.

### Atores

A meu ver, o fonoaudiólogo que pretende trabalhar com atores precisa estar inserido no meio teatral: ter contato com atores, entrar em sintonia com o tipo de trabalho do diretor e conhecer profundamente os textos nos quais os grupos estão trabalhando. Muitas vezes encontramos dificuldades em trabalhar a interpretação de determinados personagens, alguns papéis necessitam de uma “voz patológica” para sua composição. Em outros casos, encontramos dificuldades para perceber as vozes que o diretor está imaginando para determinada cena. Para a realização de um trabalho efetivo com atores acredito ser necessário uma dedicação intensa e um conhecimento aprofundado da arte de representar.

Existem dificuldades relacionadas à demanda de ensaios, que normalmente são muito estressantes e vão se intensificando à medida que a estréia se aproxima. Nestes casos é, com certeza, na véspera ou no dia da estréia que o ator poderá “perder” a voz. Os ensaios tendem a ser concentrados num curto período de tempo, sendo, portanto, longos se considerados um a um. Isso se deve a razões orçamentárias, já que raramente os atores de teatro têm ensaios remunerados.

Não existe ainda no Brasil uma preocupação suficiente com a acústica dos teatros e, por essa razão, existem algumas casas de espetáculo que não possibilitam uma reverberação satisfatória, por mais que o ator tenha uma projeção adequada da voz. Não existe uma cultura de investimento no aspecto acústico dos teatros, salvo em raros casos.

O trabalho com respiração, articulação e conseqüentemente projeção da voz é o que norteia as intervenções fonoaudiológicas nessa área. Cabe também salientar que os atores, normalmente, praticam hábitos vocais inadequados: bebidas alcoólicas, fumo, alimentação e sono irregulares são os exemplos mais comuns. Além disso, lembremos que o trabalho do preparador vocal deve levar em conta o diretor, isto é, aquele que concebe o espetáculo, inclusive em termos vocais, na composição dos personagens.

## **Radialistas**

Quando vamos trabalhar com radialistas, precisamos considerar os diferentes estilos radiofônicos, lembrando que cada emissora de rádio possui seu próprio estilo de transmissão da informação, que varia significativamente, por exemplo, do padrão AM para o padrão FM. Quando somos chamados para trabalhar com um locutor de rádio é comum que nos indiquem os parâmetros vocais desejados para a função. Porém, pode ocorrer que o padrão vocal esperado não seja compatível com as características fonatórias do profissional, cabendo a nós sugerir e possibilitar caminhos alternativos.

Existem diferenças em relação à demanda vocal se compararmos um locutor a um repórter de rádio. Geralmente o locutor não escreve o próprio texto, e, freqüentemente, o redator não se preocupa com a produção da fala. Ele escreve, por exemplo, uma frase muito longa e mal pontuada, o que dificulta as pausas respiratórias do locutor. O repórter, por sua vez, pode trabalhar tanto na cabine silenciosa da emissora como na “rua”, dando boletins externos e competindo com o intenso ruído urbano.

É comum que os radialistas tenham um acúmulo de funções dentro da emissora, ou que trabalhem em duas ou três rádios diferentes buscando aumentar o rendimento mensal. As dificuldades mais encontradas são problemas relacionados à articulação e ao uso excessivo da voz. Esses problemas articulatórios podem estar relacionados a uma dificuldade individual de manter o padrão “imposto” pela rádio ou a alterações no sistema sensório-motor oral do indivíduo.

## **Políticos**

Este grupo tem procurado maior aproximação com o nosso trabalho há mais ou menos três anos. Antes, este profissional recorria aos cursos de oratória para aperfeiçoar e/ou corrigir alterações vocais. Atualmente considera-se que as técnicas de oratória produzem discursos excessivamente formais, que soam como não convincentes, não “verdadeiros”. Assim, esses cursos tradicionais começaram a não satisfazer os políticos. A procura de um trabalho vocal fonoaudiológico parece motivada pela necessidade de uma voz e um discurso mais individualiza-



dos, mais autênticos. Do ponto de vista fonoaudiológico, a meu ver, a atenção deve centrar-se na postura articulatória, fonatória e corporal compatíveis com o conteúdo discursivo, em busca da “voz com credibilidade”.

### **Locutores de televisão**

Postura corporal e articulação devem ser os pilares do trabalho, lembrando que na televisão não precisamos de volume na voz graças à utilização do microfone; logo, o aspecto da projeção não é prioridade neste caso. Lembremos também do “grande fantasma do Ibope”, em que a principal arma para manter ou aumentar os chamados “picos” de audiência é a harmonia entre voz e imagem.

O padrão das emissoras caracteriza os textos escritos pelos seus redatores, determinando desta forma um padrão vocal específico para cada canal. O estresse da voz no trabalho é muito intenso nesse ambiente profissional pautado pela concorrência (dentro da emissora e entre elas) devido ao grande volume de investimentos financeiros.

### **Professores**

Os professores, estatisticamente, são os profissionais da voz que mais procuram o atendimento fonoaudiológico. Será que este é o profissional que tem mais problemas vocais? A esse respeito o que podemos afirmar, com certeza, é que este grupo é o mais familiarizado com o trabalho fonoaudiológico na área de voz, em relação aos demais (cantores, leiloeiros, locutores, advogados, etc.). Vale ressaltar que a demanda dos professores, em relação ao número de horas de uso da voz, costuma ser imensa.

O ambiente de trabalho tende a ser inadequado: salas de aulas com péssimas condições acústicas, extremamente ruidosas, sem ventilação e classes com número exagerado de alunos. O trabalho costuma ser mal remunerado, o que obriga o professor a trabalhar em vários lugares (pré-escolas, creches, colégios, faculdades, cursinhos, etc.) simultaneamente, e alguns chegam a utilizar a voz por até dez horas diárias no exercício docente. Em síntese: o excesso do uso, a dificuldade na projeção da voz, a falta de consciência corporal e a busca de melhor remuneração.

neração avolumam as queixas vocais. Para o atendimento é importante conhecermos detalhadamente a natureza das aulas ministradas, quantidade e idade dos alunos, condições físicas e acústicas das salas de aulas e questões relacionadas à saúde geral do professor. Sem deixarmos de lado as conseqüências (psicossociais) advindas da não valorização deste profissional no contexto brasileiro.

Apesar do professor ser o profissional que mais nos procura, ainda sinto que podemos oferecer relativamente pouco para solucionar alguns de seus problemas, precisando demonstrar uma maior efetividade no nosso atendimento. O paciente/professor é aquele que costuma ter crises recorrentes de disfonia, e, em alguns casos, recidiva até a alteração orgânica em pregas vocais após longo tempo de terapia ou cirurgia. Portanto, este é um campo aberto para mais estudos e acompanhamento desse profissional que tem pouca consciência de como preservar seu principal instrumento de trabalho: sua voz.

### **Leiloeiros**

Existem dois tipos de leiloeiros: de arte e rurais, os últimos se dividem em leiloeiros de cavalos e de gado. Esses profissionais têm um total desconhecimento do trabalho fonoaudiológico na área de voz. Os leiloeiros de arte costumam ter um uso menos intenso porque utilizam a voz com menos freqüência e em ambientes mais adequados (silenciosos e com ventilação adequada). Quanto aos leiloeiros rurais, a demanda é enorme: os leilões duram de oito a dez horas seguidas, já que acontecem em diferentes cidades, e os participantes viajam, em alguns casos, grandes distâncias, para participar do evento e, portanto, necessitam aproveitar bem o tempo. Estes leilões acontecem a céu aberto na maioria das vezes, exigindo, apesar da amplificação sonora, uma adequada projeção de voz.

A prioridade no trabalho com a postura e a articulação é comum aos dois tipos de profissionais, ambos necessitam de precisão articulatória e suporte respiratório, uma vez que o ritmo da fala é sempre acelerado. A voz nesta atividade passa a ter um “valor de mercado” relacionado à quantidade de vendas obtidas em um leilão, gerando também muita competitividade no ambiente profissional.

## **Vendedores**

Esta é uma área muito interessante de atuação, mas com ausência de pesquisas e/ou trabalhos significativos na área fonoaudiológica. Existem várias formas de atuação nesse campo: vendedores de lojas, camelôs, feirantes, vendedores ambulantes e outros. Na minha prática clínica, observo que os feirantes são os que menos procuram o trabalho fonoaudiológico, ficando a dúvida se isso se dá por desconhecimento do nosso trabalho e/ou por ausência de dificuldades vocais.

Em geral, os vendedores fazem um uso excessivo da voz, que é afetada também por ambientes extremamente ruidosos. Este profissional necessita de uma voz “sedutora” para convencer o consumidor a comprar até o que ele não precisa ou mesmo não deseja. O trabalho fonoaudiológico precisa criar estratégias para permitir que esta voz possa agradar, seduzir e convencer consumidores específicos.

## **Padres e pastores**

Na formação desses profissionais, não existe uma atenção especial para a preparação vocal. Cada religião com seus respectivos tipos de cultos exige peculiaridades no uso da voz. Nas Igrejas Católicas, as de construções mais antigas, existe uma qualidade acústica mais adequada em relação às construções mais recentes das Igrejas Evangélicas, onde a acústica costuma ser muito ruim. Isso porque, nas últimas, enormes espaços como cinemas ou supermercados são transformados em locais de culto, sem passar por nenhum tratamento acústico prévio.

A questão do louvor e da fé deve ser compreendida individualmente e inserida em cada forma de crença. É difícil para um terapeuta lidar com um paciente/pastor que argumenta que para louvar é preciso usar a voz “com força”, com muito volume, em um tom muito agudo. Nesses casos é preciso buscar estratégias possíveis para utilização da voz “com força, mas sem esforço”. Em várias religiões, costuma-se cantar durante o culto, e esta variação entre a voz falada (na reza) e a voz cantada pode trazer problemas se houver dificuldades nas mudanças de ajustes, além disso, este canto religioso costuma ser de alta intensidade, com *pitch* muito agudo e com pausas restritas para respiração.

### **Cantores religiosos**

Esses cantores costumam utilizar um excesso de *loudness* e um *pitch* muito agudo, portanto, necessitam dominar a técnica da voz cantada para evitar prejuízos ao aparato vocal. Porém, neste grupo observa-se falta de conhecimento vocal, corporal e musical. A aparelhagem de amplificação sonora das Igrejas geralmente não é adequada, e as questões já citadas quanto ao papel do canto como louvor e fé também devem fazer parte da reflexão.

Existem variações no estilo de canto de acordo com as religiões. No Brasil, as Igrejas Evangélicas são as que mais utilizam o canto da forma a que me referi acima. Na Igreja Católica, o canto, apenas atualmente, está retomando um papel importante dentro do culto. Na religião judaica, o canto masculino utiliza solistas com um coro básico de fiéis com volume elevado, mas com predomínio em região grave. Algo semelhante acontece nas Igrejas Protestantes americanas, onde existe uma base vocal na região grave, bem próxima da região da fala, e um solista (que normalmente utiliza um microfone), que domina a voz cantada, percorre seguramente as regiões médias e agudas.

### **Cantores líricos (eruditos)**

No Brasil, não há tradição na prática desta forma de canto. Existem poucos cantores líricos brasileiros de expressão nacional e/ou internacional, a música clássica é pouco divulgada e pouco escutada, ficando restrita a uma pequena parcela da população. O tempo de formação desse profissional tende a ser muito longo, sendo necessário um mínimo de oito anos para que o cantor erudito se torne profissional, e os custos desta formação costumam ser altos.

O cantor lírico precisa ter uma vida social muito “regrada”, com restrições alimentares, freqüentes repousos vocais e restrições na utilização da voz falada, enfim, cuidados minuciosos com a saúde geral (físico e mental). Este excesso de cuidados e preocupações com a voz pode gerar prejuízos na vida social e psíquica deste profissional. Considerando que esta modalidade de cantor tem um enorme conhecimento do seu processo de produção vocal, cabe ao fonoaudiólogo dar explicações detalhadas e claras de tudo o que acontece durante o processo tera-

pêutico. Faço aqui um agradecimento especial aos cantores líricos, meus pacientes, que muito me ensinaram neste universo da voz cantada.

### **Cantores de coral**

Esta forma de canto também não possui tradição em nosso país. Existe uma dificuldade na classificação vocal dos coralistas, uma vez que esta análise é normalmente realizada quando o indivíduo chega com o desejo de participar do coro. Assim, ela é realizada com a pessoa geralmente ansiosa e sem preparo vocal anterior. Parece-me que o ideal seria que esta classificação vocal inicial fosse revista mais ou menos a cada seis meses. Geralmente, o coral é dividido em quatro vozes: duas femininas (soprano e contralto) e duas masculinas (tenor e baixo). As vozes intermediárias como mezzo soprano e barítono são “encaixadas” nos grupos acima citados, causando danos quando se canta fora da tessitura.

Como são várias vozes cantando ao mesmo tempo, ocorre uma falta de *feed-back* auditivo, dificultando a percepção individual do esforço ou excesso de volume da voz. Na maioria dos grupos, ocorre também uma falta de conhecimento musical, dificultando a leitura de partituras. Em alguns coros, não chega a ser realizado o aquecimento vocal antes do canto, o que prejudica especialmente aqueles que exercem outra atividade fora do coral, na qual usam demasiadamente a voz falada, na medida em que iniciam o canto com a voz previamente cansada.

### **Cantores da noite**

Normalmente os cantores da noite têm uma grande variedade de estilos musicais, o que pode dificultar o bom desempenho no canto. Determinados estilos musicais exigem uma maior adequação e demanda do aparato vocal; por exemplo, na primeira voz das duplas sertanejas o *pitch* é muito agudo, exigindo um apoio respiratório superior ao que acontece na bossa nova, na qual o *pitch* está bem próximo da região da fala, exigindo menos potência do fole pulmonar. Os abusos vocais como: ingerir álcool, fumar, dormir pouco, ter uma alimentação irregular, não praticar atividades físicas, não realizar aquecimento e desaquecimento vocal, etc., são bem frequentes neste grupo, e, na minha opinião, estes aspectos são

fundamentais numa terapia de voz com estes profissionais. Quando estamos trabalhando com um cantor lírico, é raro encontrarmos estes tipos de abusos, pois este cantor, tendo consciência que estes hábitos prejudicam a voz, imediatamente pára de fazê-los. No caso dos cantores da noite, é muito diferente; eles não sabem, de fato, quais são os abusos vocais, e, mesmo depois de conhecê-los, têm muita dificuldade em largá-los, devido à dependência destes vícios e ao ambiente de trabalho (bares, casas noturnas, salões de dança, etc.) onde comumente as pessoas estão praticando vários destes hábitos.

A ausência de conhecimento musical formal, na grande maioria dos casos, está associada a dificuldades financeiras para o investimento na formação profissional. Os ambientes de trabalho costumam ser inadequados, com péssimas condições de acústica e salubridade, assim como de aparelhagem de amplificação sonora. Esta categoria de cantor tem desaparecido das grandes metrópoles, não é uma profissão valorizada pela sociedade; para grande parcela das pessoas, o cantor da noite está cantando no bar porque ele não fez sucesso e, se não o fez, é porque ele não é um “bom” cantor. Sabemos que existem muitos outros fatores responsáveis pelo sucesso ou não de um cantor, e sua qualidade é apenas um fator, não é o mais importante nem o determinante.

### **Cantores populares**

Os cantores populares trabalham guiados por um mercado fonográfico de grandes investimentos, oscilações e cobranças. O cantor está atrelado a metas e grandes expectativas de vendagem por parte da gravadora. A agenda de shows e ensaios pode ser demasiadamente estressante com vistas ao sucesso de mercado. Nem sempre, apesar de investimentos em divulgação e propaganda, o sucesso está garantido, já que este é regido por alguns “modismos” que chegam a surpreender as próprias gravadoras. A empresa “aposta” naquela voz, e o mercado a recebe efusivamente. Nesse sentido, a mídia (imprensa escrita e falada) costuma ter uma influência muito forte no desempenho vocal de um cantor. Quando no dia da estréia do show de um novo CD sai uma crítica destrutiva do cantor, como será que ficará sua voz no momento da apresentação?

A gravadora que emprega o artista possibilita a realização de seus projetos, mas, por outro lado, faz exigências em relação ao cumprimento de prazos e à escolha do repertório. Conciliar a vida pessoal e a vida artística é outra tarefa difícil para o cantor popular, parece-me ser esta a chave importante para uma emissão segura e estruturada desta forma de canto.

### Conclusão

Concluindo este artigo, deixo claro que não proponho soluções para um trabalho vocal específico para o profissional da voz, mas levanto dados vivenciados na minha experiência profissional. Procurei exemplificar algumas das dificuldades que foram recorrentes durante este percurso, pontuando as características significativas de cada grupo. Espero com isso possibilitar novas reflexões, assim como possibilitar a criação de mais estudos e pesquisas sobre o assunto.

### Resumo

*Este texto é um relato pessoal da experiência clínica de dez anos na área da voz profissional. Através de uma escrita informal, levanto minhas dúvidas e proponho alguns questionamentos que envolvem o trabalho com este variado grupo de profissionais. A subjetividade está claramente presente neste relato, uma vez que a área de voz, apesar de todos os avanços tecnológicos na tentativa de quantificar e objetivar os achados, continua contando principalmente com o "olhar" e o "ouvido" do terapeuta. O meu objetivo era descrever a minha atuação.*

*Palavras-chave: voz profissional, abordagens fonoaudiológicas.*

### Abstract

*This text is a personal description of my ten-year practice in the professional voice segment. I raise doubts and I propose some questions about practising with this variety of professionals in an informal way. Subjectivity appears in this description because despite all the technological progress in this segment, the*

*Marta Assunpção de Andrada e Silva*

*therapist's feeling/insight is still very important. My aim was to describe my way of practising.*

**Key-words:** *professional voice, therapeutic approaches.*

### **Referências bibliográficas**

SATALOFF, R.T. (1997). *Professional Voice, the science and art of clinical care.* 2 ed. San Diego, Singular Publishing Group.

### **Bibliografia sugerida**

BENNINGER, M.S.; JACOBSON, B.H.; JOHNSON, A.F. (org.) (1994). *Vocal arts medicine, the care and prevention of professional voice disorders.* New York, Thieme Medical Publishers.

COSTA, H.O. e ANDRADA E SILVA, M.A. (1998). *Voz cantada, evolução, avaliação e terapia fonoaudiológica.* São Paulo, Lovise.

FERREIRA, L.P. ; OLIVEIRA, I.B. ; QUINTEIRO, E.A. ; MORATO, E.M. (orgs.) (1995). *Voz profissional: o profissional da voz.* Carapicuíba, Pró Fono.

*Recebido em mai/98; aprovado em ago/98*